

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

## RESUMO:

O artigo tem como objetivo fazer um estudo do conto “Madame de Z” (1892), da escritora brasileira Délia, pseudônimo de Maria Benedita Bormann (1853-1895). Publicada no jornal carioca *O Paiz*, a narrativa – em primeira pessoa – conta a relação com traços de lesbianidade entre a protagonista e a personagem-título Mme. de Z. Tendo como espaço diegético o meio rural brasileiro, o texto faz uso de citações de estudiosos de estética e mitologia para narrar um contato interdito entre duas mulheres, neste que pode ser o primeiro conto com temática lésbica publicado no Brasil. Tal estratégia narrativa enseja o diálogo teórico com o conceito de *intertextualidade* desenvolvido por Kristeva a partir de seus estudos acerca do pensamento bakhtiniano. Interessa observar como o uso explícito e implícito de outras obras pode dar à narrativa características de texto carnavalesco.

Palavras-chave: Autoria feminina. Lesbianidade. Intertextualidade.

## ABSTRACT:

This article aims to study the short story “Madame de Z” (1892), by Brazilian writer Délia, pseudonym of Maria Benedita Bormann (1853-1895). Published in the Rio de Janeiro newspaper *O Paiz*, the narrative – in the first person – tells the story of the relationship with traces of lesbianity between the protagonist and the title character Mme. de Z. With the Brazilian rural environment as its diegetic space, the text uses quotes from scholars of aesthetics and mythology to narrate a forbidden contact between two women, in what may be the first short story with a lesbian theme published in Brazil. This narrative strategy allows for a theoretical dialogue with the concept of intertextuality developed by Kristeva based on her studies of Bakhtinian thought. It is interesting to observe how the explicit and implicit use of other works can give the narrative characteristics of a carnivalesque text.

Keywords: Female authorship. Lesbianity. Intertextuality.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo fazer um estudo do conto datado de 1892 “Madame de Z”, de Délia – pseudônimo de Maria Benedita Bormann (1853-1895) – gaúcha da elite de Porto Alegre que teve destaque como escritora em periódicos do Rio de Janeiro na segunda metade do oitocentos. O interesse pelo seu texto advém da possibilidade de ser este o primeiro conto de autoria feminina com temática lésbica publicado no Brasil<sup>1</sup>. Jornais do século XIX já contavam com colaboradoras; autoras de contos, poesia e, sobretudo, folhetins. A historiografia literária brasileira, entretanto, omite o trabalho dessas mulheres quase que completamente, tornando de grande importância não só o resgate de escritoras como também uma leitura de sua obra.

É impossível passar ao largo deste apagamento histórico perpetrado majoritariamente por estudiosos homens cisgênero, cujo compromisso com a divulgação do trabalho literário feminino foi praticamente nulo. Apesar de a escritora Ignez Sabino (1853-1911) ter deixado como legado, já em 1899, o livro *Mulheres Ilustres do Brazil*<sup>2</sup>, pouca importância se deu na academia ao papel exercido pela autoria feminina ao se traçar panoramas literários no

---

<sup>1</sup> Em que pese a escassa historiografia literária lésbica, pode-se aferir que *Enervadas* (1922) – da escritora carioca Chrysanthème, pseudônimo de Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Vasconcelos (1870-1948) – tenha sido o primeiro romance brasileiro a apresentar uma personagem abertamente homoafetiva. Trata-se de Maria Helena, amiga da protagonista Lúcia. É apresentada pela narradora como uma mulher sedutora e adepta de indumentárias consideradas masculinas: “que lhe dava ares de adolescente insexuado” (CHRYSANTHÈME, 2022, p.35).

<sup>2</sup> Espécie de enciclopédia composta exclusivamente por nomes femininos, o livro traça o perfil de mais de 40 mulheres brasileiras que vão de Anita Garibaldi a Marília de Dirceu, passando inclusive por Délia, autora de “Madame de Z”, que é chamada de “Zola de saias”. Já no prefácio, Ignez Sabino decreta: “O presente livro não é um trabalho de floricultura” (SABINO, 1899, p. 8). O objetivo da obra, segundo ela, seria o de ressuscitar as mulheres do passado que jazem obscuras. Acrescenta que a mulher não deve viver somente pelas virtudes, nem pelas graças, mas que deve e necessita agir pela inteligência. Ainda sobre Délia, Sabino não poupa críticas ao classificar seu romance *Celeste* (1893) como incompreensível, tresloucado, aneurastésico e mau em psicologia.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Brasil. Tal fato denota claramente o caráter sexista que impregnou os literatos brasileiros de renome, espelhando a sociedade patriarcal do país<sup>3</sup>.

O modo pelo qual a trajetória literária de um país é contada constitui um dos meios de fortalecimento de poder masculino. Segundo Schmidt (2008, p. 137), seria de extrema importância histórica a análise de textos de autoria feminina, podendo significar uma intervenção transformadora nos modelos e tradições instituídas.

Foi justamente nesse cenário de muito conservadorismo que surge o conto a ser analisado. Narrado em primeira pessoa, por uma amazona de classe abastada, o texto descreve uma relação homoafetiva entre mulheres utilizando sobretudo o recurso literário da *intertextualidade*, conceito que permeará o artigo como base teórica à sua análise. Outro elemento que emerge de uma leitura atenta da narrativa é a presença do *sublime*, aspecto da estética que também servirá de apoio para a compreensão das estratégias diegéticas utilizadas por Délia para que um conto lésbico<sup>4</sup> pudesse ser palatável em pleno oitocentos de um Brasil recém republicano<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Apenas à guisa de exemplificação, o livro História concisa da literatura brasileira (de 1970 e revisado em 1994), de Alfredo Bosi (1936-2021) – considerado referência na historiografia literária nacional – não traz nenhum nome feminino quanto trata dos principais movimentos do século XIX: Romantismo, Realismo e Simbolismo. A primeira mulher a ganhar destaque é Rachel de Queiróz (1910-2003), que surge no capítulo VIII, “Tendências contemporâneas”. São ignoradas autoras como Luiza Leonardo (1859-1926), Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), além de Inez Sabino e Maria Benedita Bormann, cuja importância e repercussão nos círculos literários e na imprensa podem ser atestadas por meio de breve busca na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Periódicos da época apresentam não só textos produzidos por elas bem como críticas endereçadas ao seu trabalho.

<sup>4</sup> A escolha do termo lésbica neste artigo leva em consideração a tradição das escritoras que surgiu na Grécia antiga com Safo de Lesbos; mulher que abriu caminho para a autoria feminina. Como observa Giuliana Ragusa em sua introdução a *Hino à Afrodite e outros poemas*, “homossexual” – conceito surgido em 1886 na Alemanha, no livro *Psychopathia Sexualis*, do psiquiatra Richard von Kraft-Ebing – seria um termo muito anacrônico para se referir a poeta grega (RAGUSA, 2011, p. 34). Chamar as personagens de “Madame de Z” de “queer”, por exemplo, significaria algo semelhante. Portanto, tomo como sugestão o texto de Ragusa e utilizo o termo lésbica na apresentação das relações diegéticas entre mulheres e na análise do conto.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Questões acerca da *intertextualidade* – neste artigo embasadas nos estudos de Julia Kristeva (1941-) a partir do pensamento de Mikhail Bakhtin (1895-1975) – são suscitadas sobretudo por três citações explicitadas pela narradora no conto “Madame de Z”. Quais sejam:

- a) O primeiro capítulo da segunda parte do livro *O belo e sua história* (1873), do engenheiro civil e escritor francês Phillippe Gaspard Gauckler (1826-1905). É a partir de seu conceito do belo na escultura clássica, que a narradora tece comentários sobre estética;
- b) Citação da obra *Mitologia greco-romana* (1878), do filósofo francês René Ménard (1827-1887). Nela o escritor apresenta uma compilação de mitos juntamente com uma completa descrição de deuses gregos e romanos;
- c) Referência ao mito de *Pigmaleão*, escultor do Chipre que se apaixona por estátua que ele próprio esculpira na tentativa de representar a mulher ideal. Apesar de a fonte não ser citada na narrativa, a história de Pigmaleão aparece no Livro X da obra *Metamorfoses* (ano 8 EC) do poeta romano Ovídio (43 AEC – 18 EC).

A citação de escritores europeus do gênero masculino poderia indicar uma busca de aprovação por parte das autoras brasileiras junto ao público leitor ainda pautado pelo preconceito em relação à escrita feminina. Tal hipótese, porém, fica apenas como provocação por ora, uma vez que apenas tangencia e foge ligeiramente do objetivo definido pelo artigo.

---

<sup>5</sup> “Madame de Z” foi publicado na edição de número 3659 do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, de 7 de maio de 1892. Com redação localizada na Rua do Ouvidor, centro da então capital da República, o periódico apresentava-se na primeira página como “a folha de maior tiragem e maior circulação da América do Sul” (Imagens 1 e 2).

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Imagem 1: Primeira página da edição de 7 de maio de 1892 do jornal *O Paiz*



Fonte: Hemeroteca Digital/ Biblioteca Nacional

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Imagem 2: O conto lésbico abria a edição 3659 do jornal de maior circulação do Brasil



Fonte: Hemeroteca Digital/ Biblioteca Nacional

Imagem 3: Retrato de Délia/Maria Benedita Bormann



Fonte: site normatelles.com.br/delia

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

## 2. DÉLIA OU MARIA BENEDITA BORMANN

Foi na capital da então província do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, que nasceu Maria Benedita Câmara Bormann a 25 de novembro de 1853<sup>6</sup>. Filha de Luísa Bormann e do funcionário Patrício Augusto da Câmara Lima, tinha linhagem aristocrática pelo costado paterno e alemã pelo materno, o que lhe proporcionou uma educação acima da média brasileira em se tratando de um período e de um país machista e elitista. A transferência do pai da cidade gaúcha para o Rio de Janeiro quando Bormann tinha 10 anos fez com que a futura escritora entrasse em contato com a metrópole imperial.

Com pouco mais de 19 anos, casou-se em 7 de dezembro de 1872 com um irmão de sua mãe Luísa, José Bernardino Bormann, que havia lutado na Guerra do Paraguai e mais tarde se tornaria ministro da guerra do presidente Nilo Peçanha. Apesar de inusitado na sociedade contemporânea, o casamento entre parentes era comum no século XIX e, na própria família Bormann, havia outros casos semelhantes de uniões consanguíneas.

A partir de 1880, com 27 anos, inicia sua carreira literária na imprensa carioca, escrevendo para periódicos como *O Sorriso*, *Gazeta da Tarde* e *O Paiz*, jornal que publicou em primeira página o conto “Madame de Z” em 7 de maio de 1892. Além de histórias curtas, Bormann – sob o pseudônimo Délia – publicou folhetins que mais tarde ganhariam o formato de romance, tais como *Lésbia* (1890) e *Celeste* (1893).

Estes dois romances-folhetins são emblemáticos na carreira de Délia. *Lésbia* narra a trajetória justamente de uma aspirante a escritora no Rio do século XIX. Apesar do título sugestivo, o enredo nada tem de homoerótico e o nome da protagonista faz alusão à amante do poeta romano Catulo. Já *Celeste* traz certos indícios de um feminismo e de uma

---

<sup>6</sup> Para mais informações biográficas de Maria Benedita Bormann/Délia ver o site [normatelles.com.br/delia](http://normatelles.com.br/delia). A página, desenvolvida pela pesquisadora e professora paulista Norma Telles, também conta com informações importantes acerca da carreira da autora e pistas [ou possíveis referências] para novos estudos.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

lesbianidade latente. Com o advento dos estudos de gênero na literatura, sobretudo a partir dos anos 1980, o texto chama a atenção da crítica (SOUZA, 2013, p. 152).

A narradora apresenta a personagem-título Celeste como resultado de um meio social regido pelas aparências. Sua mãe, Cândida, é maltratada pelo marido, Venâncio. Ela, por sua vez, trai o esposo e aplica castigos à escravizada Bá. Mas tudo se dissipa nas recepções oferecidas pela família à alta sociedade. Importante frisar que o romance traz personagens femininas em atitudes normalmente reservadas aos homens (SOUZA, 2013, p. 154). *Celeste*, portanto, adianta temas que só seriam discutidos com profundidade um século depois de sua publicação. Talvez por isso a crítica implacável que a narrativa recebeu de pessoas de ambos os gêneros, incluindo a da escritora Ignez Sabino em *Mulheres Ilustres do Brasil*.

O tema da mulher casada e infeliz ganha o ápice positivista quando Artur, marido abusivo de Celeste, oferece à mulher o livro *Fisiologia do casamento*. Escrita pelo médico francês Auguste Debay (1802-1890), a obra é um tratado sobre a higiene do matrimônio, algo diametralmente oposto ao que a personagem desejava em um relacionamento conjugal.

O olhar colonizador do fisiologista – que serviu como militar na Argélia – pode ser percebido por outros títulos que lançou: *A história natural do homem e da mulher desde sua aparição no globo terrestre até os dias de hoje* (1858), *Psicologia descritiva das trinta belezas da mulher* (1858), *A influência do chocolate, do chá e do café na economia humana* (1864), entre outros estudos em voga na época que chamaram a atenção de Bormann.

Mas como o tema lesbianidade aparece em *Celeste*, um ano após a publicação de “Madame de Z”? Muito sutilmente. Já no final do romance, a protagonista é internada no Hospício Pedro II. Utilizando-se mais uma vez do discurso médico, a narradora faz com que a suposta loucura da personagem faça aflorar desejos interditos: “queria lançar-se nos braços do visitante ou do médico, à uma simples admoestação da irmã ou da enfermeira, pois com o tempo acentua-se a loucura erótica” (DÉLIA, 2023, p. 285). A presença de

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

figuras dominadoras como a freira católica e a enfermeira de manicômio deixam rastros de uma sexualidade latente.

Aos 41 anos, a 23 de julho de 1895, Maria Benedita Câmara Bormann morreu no Rio de Janeiro vítima de uma úlcera no estômago. O casamento com seu tio não deixou herdeiros e, apesar de informações desencontradas sobre um possível divórcio, não há nenhum documento que comprove a dissolução do matrimônio. Também escritor, o marido parecia não se opor à carreira escolhida pela esposa, talvez por estar protegida pelo pseudônimo Délia ou pela prosaica falta de tempo de um político-militar.

## 4. MADAME DE Z

Com foco narrativo em primeira pessoa, o enredo do conto “Madame de Z” inicia-se com a descrição do encilhamento do cavalo da narradora-protagonista chamado Zampa. O animal, aliás, é a única figura a ter o primeiro nome revelado na narrativa. Tal omissão de nomes, incluindo o mistério que ronda a inicial “Z” daquela que dá título à obra, é o ponto de partida para um clima de mistério que parece permear toda a narrativa. Cenários e ambiências intimistas e recônditas trazidos pela narradora levam a uma digressão pertinente quanto ao peso da atmosfera na literatura.

Teóricos literários, como Gumbrecht (2014), recorrem ao conceito musical de *Stimmung* para refletir acerca de estados de espírito presentes em certos textos. Muitos narradores lançam mão deste artifício estilístico da criação de um clima diferenciado para encaminhar o leitor a experiências sensoriais das mais diversas. São muitos elementos que podem contribuir para a consolidação dessa ambientação presente em uma obra (GUMBRECHT, 2014, p.14).

Assim como a narradora de Délia, o Romantismo alemão também criou atmosferas repletas de significado literário e, coincidentemente, ambos recorrem ao imaginário grego antigo para dar tons mais libertários e misteriosos. Devido à época em que produziram seus

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

escritos, tanto a brasileira como os germânicos não poderiam simplesmente colocar no papel histórias de encontros abertamente eróticos entre pessoas do mesmo gênero: o conservadorismo burguês exercia forte pressão nos dois lados do Atlântico.

De volta ao enredo, vemos a amazona cavalgando pelo bosque e sentindo-se como uma “dríade cavaleira” – ninfa da mitologia – e até se considerando uma “gentil castelã da idade média”. Estas são as primeiras pinceladas da narradora com tintas de erudição e conhecimento de história, mitos antigos e medievais. Na esteira dessas alusões a períodos míticos, vão surgir as citações de estudiosos da arte clássica e do belo.

Seguindo a trama, a narradora sente sede em meio ao galope e faz uma parada na casa daquela que será seu objeto de desejo: a personagem-título Mme. de Z, que ela já conhecia de viagem feita às estações suíças de águas termais de Baden, o que denotaria um alto poder aquisitivo das personagens. O encontro das duas dá pistas de homoerotismo latente no conto:

*Saltei do cavalo, corri para ela, beijei-a febrilmente, apertando-a em meus braços; reconheceu-me, então, retribuindo meus carinhos.*  
(DÉLIA, 2022, p.290)

Ao tentar desvendar mais detalhes de Mme. de Z durante a estada na Suíça, a narradora descobre que a mulher viajava a Baden acompanhada de um homem mais velho “a quem chamava de tio”, mas fica em dúvida a respeito da veracidade do parentesco. O que sugere um tipo de relação extraconjugal ou até mesmo prostituição. Havia um pacto tácito entre elas na Europa de não haver indagações sobre os respectivos passados, acrescentando mais uma peça que leva a construção da já mencionada aura de mistério.

De volta ao Brasil, as duas passam a ter encontros frequentes. Numa dessas visitas que a narradora faz à Mme. de Z, descobre uma passagem secreta em um dos cômodos da casa da anfitriã. Desta vez é o espaço intimista que dá o tom da atmosfera – um canto retirado do mundo onde podem ficar apartadas da sociedade. Eis que surge então um corredor que vai levar

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

ao clímax do enredo, com o encontro da protagonista com uma estátua de mármore branco, objeto que vai servir de elo entre as mulheres na impossibilidade de uma união carnal. A descrição do local ajuda o leitor a imaginar esse clima de sensualidade latente:

*Achava-me em um gabinete iluminado por uma claraboia de vidros opacos, espelhando suave claridade; as paredes cobriam-se de cetinoso papel com reflexos prateados; os pés afundavam-se em macio tapete felpudo de sombrias cores; grandes jarros de um trabalho maravilhoso continham flores frescas, perfumosas, e no centro, sobre o pedestal de ébano esculpido, erguia-se uma estátua de mármore branco (DÉLIA, 2022, p.293).*

São cheiros, sensações e contrastes – mármore e ébano – e é a partir da visão da escultura, que o conto passa a citar obras como *O belo de sua história*, de Gauckler, e *Mitologia greco-romana*, de Ménard. Tais trechos, no entanto, servirão de base para a análise do conto no próximo tópico do artigo, referente à intertextualidade.

Por meio da descrição da estátua feita pela narradora pode-se perceber indícios de uma imagem de gênero fluido; apesar de se tratar de uma figura masculina, é descrita como “imberbe”. Há até referência a uma obra real, “Fauno em repouso” (Figura 4), dos Museus Vaticanos, e à imagem homoerótica de Antínoo, amante gay do imperador romano Adriano (76-138 EC), sempre representado jovem e sem barba na estatuária clássica.

Em seguida, a narradora deixa de lado o mundo material e passa ao universo do intangível, do sublime<sup>7</sup>. A estátua passa a ser “a encarnação do impalpável, do que nos

---

<sup>7</sup> O sublime como conceito estético, por extrapolar os limites do belo, pode representar uma oportunidade de desafiar modelos estabelecidos, sobretudo masculinos. Segundo Kamita (2016, p. 109), o paradigma do belo é confrontado pela inquietação do sublime. Portanto, a literatura de autoria feminina apropria-se desse espaço de descoberta do novo e o desprazer de não conseguir apreendê-lo para exprimir a inquietação que escapa às leis dos grupos hegemônicos. A escrita de autoria feminina “apresenta um trabalho narrativo diferenciado,

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

afaga a mente, do que nos faz sorrir e chorar, sem que possamos reproduzir nem com a pena, nem com a palavra!” (DÉLIA, 2022, p. 294). Assim como era impossível narrar o amor lésbico à época. Num momento de êxtase, a protagonista “imóvel, pasma, ajoelhada” compara-se ao escultor Pigmaleão, da mitologia grega, apaixonado pela imagem que criara.

O transe estético-erótico-religioso é interrompido pelo toque de Mme. de Z no ombro da outra. As duas se abraçam e a narradora descobre que a autora daquela escultura foi a amiga. A artista então revela que aquela obra é a “realização do meu ansiar, do que me faltava na vida”, ajoelha-se diante da estátua e prosta-se como uma “Madalena aos pés de Cristo”.

Recriando o mito de Pigmaleão num espaço brasileiro e de lesbianidade<sup>8</sup>, o conto encerra com uma pensata da narradora acerca da união de um ser vivo – a mulher – e um cadáver – a escultura –, que chama de “sublime dualidade”.

## 5. INTERTEXTUALIDADE

É com o uso de citações entre aspas do livro *O belo e sua história* (1873), de Gauckler, que a narradora do conto “Madame de Z” induz à chave interpretativa que dialoga com o conceito de intertextualidade. Tal termo advém dos estudos feitos por

---

instaurando uma fissura na história literária até então instituída” (KAMITA, 2016, p.113). Pode-se inferir com certa audácia que *Madame de Z*, ao acrescentar uma personagem lésbica ao mito de Pigmaleão, recorre a antítese do belo e do sublime para irromper no universo literário predominantemente masculino do século XIX.

<sup>8</sup> Em seu artigo “A ficção como cesta: uma teoria” (1986), a escritora Ursula K. Le Guin (1929-2018) coloca em discussão a importância da jornada do herói caçador masculino em relação às narrativas femininas ligadas a atividades coletoras. O debate surge a partir da Teoria da cesta (*Carrier bag theory*, 1975), na qual a jornalista Elizabeth Fischer (1924-1982) traz à luz o que seria uma nova compreensão da cultura humana: o que sempre foi visto como objetos civilizatórios – instrumentos viris para apunhalar, atacar e matar –, na verdade faz parte de uma visão sexista de mundo. A narrativa apropriada para uma sociedade de legisladores homens seria aquela que remete à flecha ou à lança, mas o prisma feminino encontra no recipiente da coleta, na cesta, uma forma natural, apropriada e adequada ao romance (LE GUIN, 1986, p.5). Segundo a autora, tal gênero literário contém “pessoas” no lugar de “heróis” e toda ficção séria tenta descrever como as personagens se relacionam com os elementos dessa “vasta cesta, esse ventre do universo, esse útero de coisas em gestação”.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Kristeva a partir da análise da obra de Bakhtin. Difundida por meio do artigo “A palavra, o diálogo e o romance” (1966), a ideia de intertextualidade parte do princípio de que a palavra literária não seria um ponto, mas sim um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de diversas escrituras (KRISTEVA, 2012, p. 140).

Outra imagem que surge como meio de análise textual no campo da intertextualidade seria a do carnaval<sup>9</sup>, a festa na qual papéis são subvertidos. Nesse sentido, para Bakhtin e Kristeva, a pletora de interseções discursivas quebraria as leis da linguagem, censurada pela gramática e pela semântica. Além disso, importante destacar neste contexto três dimensões literárias: o *sujeito da escritura*, o *destinatário* e os *textos exteriores*, sendo este último elemento o que mais importa por ora: “todo texto se constrói como mosaico de citações”.

Com o aparecimento no enredo da escultura de inspiração clássica concebida por Mme. de Z, a narrativa – que já apresentava alusões ao imaginário antigo e medieval – passa a explicitar sua teia de excertos advindos principalmente de Gauckler e Ménard, dois estudiosos do belo e do clássico no oitocentos. O trecho é bem honesto em relação a sua fonte: “Em seu livro (...), Gauckler diz: ‘A escultura é a arte de exprimir as manifestações da vida pelas formas puras’” (DÉLIA, 2022, p.293). A menção ao escritor francês segue por mais dois parágrafos.

Já Ménard é citado em apenas um parágrafo, o qual se inicia também com pensamentos acerca da arte da escultura: “A estatuária é uma arte religiosa e imaterial por essência (...)”. A suposta carnavalização do conto de Délia ainda traz uma intertextualidade que ultrapassa os limites do papel e recorre a intersemiótica. Isso ocorre quando a narradora descreve a estátua grega do “Fauno em repouso”, trazendo a imagética das artes plásticas ao texto literário. Todos

---

<sup>9</sup> Outro termo para se referir a textos com características carnavalescas seria *manipeia*, que recebe este nome em alusão ao filósofo Menipeu de Gadare (século III AEC). Segundo Kristeva, tal gênero seria simultaneamente cômico, trágico, político e socialmente desorganizante.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

esses elementos e recursos, vale frisar, são utilizados na escrita de uma história publicada em jornal diário em pleno século XIX no Brasil.

Kristeva, tomando ideias bakhtinianas como ponto de partida, considera “o texto como absorção e réplica de um outro texto”. Para abarcar essa teoria, Bakhtin inclusive sugeriu a criação de uma ciência denominada *translinguística*. Pensando diacronicamente, pode-se relacionar esse prefixo *trans*, tão caro à contemporaneidade, como sintoma de uma possível nova experiência literária, que contempla corpos lésbicos, *queer*, animados e pertencentes ao mundo dos objetos e obras de arte.

O uso da intertextualidade como recurso literário teria permitido à narradora encaixar-se em um suposto carnaval linguístico preconizado por Bakhtin, antecipando tal estilo ao público leitor de 1892, através de um enredo lésbico. Ao adotar a “lógica do sonho”, a literatura com elementos carnavalescos transgride as regras do código linguístico (KRISTEVA, 2012, p. 147), assim como o carro alegórico usa a opulência para contar o enredo da escola de samba.

Entre escritores considerados carnavalescos figurariam nomes como Dostoiévski, Joyce, Proust e Kafka. No entanto, nem Bakhtin nem Kristeva citam nenhuma autoria do gênero feminino. Talvez fosse importante considerar Délia a partir deste rol por conta de sua grande aptidão em englobar citações e transgredir a linguagem, sobretudo a sexista do Brasil do século XIX. A autora brasileira pode proporcionar uma conversa com o pensamento de Kristeva, segundo o qual a intertextualidade carnavalesca elegeria dois temas que traz do inconsciente: o sexo e a morte.

Outra característica da narrativa com tons de carnaval seria a de ser anticristã. Isso faz pensar que “Madame de Z” o é duplamente: trata do amor entre mulheres e ainda glorifica a arte pagã por meio de seus estudos tardios.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a literatura de autoria feminina transgride até hoje a historiografia canônica como forma de existência e resistência, é papel da crítica contemporânea contribuir para o resgate e análise de textos esquecidos pelos acadêmicos homens, heterossexuais e cisgênero. É preciso difundir a escrita das mulheres não só nos cursos de Letras das universidades, mas também – e principalmente – nas aulas de literatura do ensino médio, onde imperam ainda no currículo os velhos nomes consagrados pelo próprio sistema hegemônico.

Mas por que motivo? A resposta está nos próprios textos escritos e publicados por mulheres. Tomando como exemplo “Madame de Z”, enxerga-se apenas neste conto uma grande variedade de possibilidades de análise e discussão. O fato de se tratar de autoria feminina importa no sentido de ela ter sido negligenciada por décadas e tal omissão ter sido considerada natural por conta de uma falaciosa ideia de escassez de autoras.

Verdade seja dita: o que houve, sim, foi uma falta de vontade dos estudiosos homens em vasculhar a história literária brasileira, sobretudo a do século XIX. Délia é só um nome dentre tantos que figuravam especialmente nos periódicos da capital do Império e depois da República, o Rio de Janeiro. Seus contos, folhetins, poesias eram criticados com paixão e a fama das autoras as colocava no plano da celebridade, já que eram também pianistas, atrizes e cantoras.

Outro elemento que chama a atenção na literatura de autoria feminina é a ousadia e subversão. Basta a leitura do conto de Délia para perceber a latência de um feminismo e de uma liberação sexual atávica. E não só pelo tema da lesbianidade, por si só controverso, bem como pelo estilo e o uso de recursos literários que ganhariam destaque em estudos do

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

século XX, como a intertextualidade. A escritora gaúcha já sampleava excertos, citava, costurava os tecidos de seu texto com outros retalhos.

A recriação de uma nova sociedade, mais igualitária e inclusiva, passa pela literatura. É por meio da ficção que o ser humano decifra um pouco mais da sua própria essência. Para tanto, um novo cânone precisa ser elaborado, colocando a par e passo Machado, Alencar, Délia, Lopes de Almeida, Sabino, entre outras.

## 7. REFERÊNCIAS

BORMANN, Maria Benedita Câmara (Délia). **Celeste**. Campinas: Asa da Palavra, 2023. 308 p. Organização de: Arieta Marafon Fabrício.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017. 567 p.

CHRYSANTHÈME. **Enervadas**. 2. ed. São Paulo: Carambaia, 2022. 160 p.

DÉLIA. **Contos esquecidos**. Campinas: Unicamp / Publicações IEL, 2022. 331 p. Organização de: Laila Thaís Correa e Silva.

GAUCKLER. **Lo bello y su historia**. Madri: Daniel Jorro, 1903. 258 p.

GUIN, Ursula K. Le. **A ficção como cesta**: uma teoria. Nova York: Grove Press, 1986. Tradução de: Priscilla Mello.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosfera, ambiência, Stimmung**: sobre um potencial oculto da literatura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014. 176 p. Tradução de: Ana Isabel Soares.

# Lesbianidade e intertextualidade: um estudo do conto “Madame de Z”, de Délia

RAFAEL VIEIRA SENS;  
ROSANA CÁSSIA DOS SANTOS

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

KAMITA, Rosana Cássia. Mulheres e Literatura: sob a perspectiva do sublime. **Cadernos de Literatura Comparada**, Porto, n. 35, p. 103-117, dez. 2016. Semestral.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 272 p. Tradução de: Lucia Helena França Ferraz.

MÉNARD, René. **Mitologia greco-romana**. São Paulo: Opus, 1991. 298 p. Tradução de: Aldo Della Nina.

SABINO, Ignez. **Mulheres Ilustres do Brazil**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899. 280 p.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: notas sobre a historiografia literária. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 32, p. 127-141, jul. 2008.

SOUZA, Aldinida de Medeiros. Relações entre representação feminina, espaço privado e público na autoria de Maria Benedita Bormann. **Ártemis**, João Pessoa, v. XV, n. 1, p. 149-160, jan. 2013.

TELLES, Norma. **Norma Telles**. Disponível em: [normatelles.com.br](http://normatelles.com.br). Acesso em: 21 ago. 2024.